



POSSIBILIDADES DE ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: SITUAÇÕES DE DESPRAZER NA OPINIÃO DOS ALUNOS

Prof. Ms. Ronê Paiano
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: O objetivo deste trabalho foi o de compreender os motivos que levam os alunos a não participarem das aulas de educação física. Foram analisadas as entrevistas de 17 alunos de ambos os sexos que freqüentemente recusavam-se a participar das aulas. Este grupo de alunos que “foge” das aulas de Educação Física não demonstra uma ojeriza por atividades físicas, mas sim pela parcela denominada aula de Educação Física, pois, cem por cento pratica alguma atividade física, fora da escola, normalmente individual. O grupo entrevistado reconhece o seu fraco desempenho e apesar de já ter experimentado o insucesso nas aulas, percebe-se, como fator determinante, pela sua ausência às aulas, os colegas que adotam atitudes agressivas e que reclamam, humilham e intimidam.

Palavras chave: Educação Física; prazer.

ORIENTATION OF POSSIBILITIES OF THE PEDAGOGIC PRACTICAL ON PHYSICAL EDUCATION TEACHERS: UNPLEASURE SITUATIONS ON STUDENTS OPINIION

Resume: The aim of this study has been understudied what do the students don't participate of the physical education class. Were interviewed and analyzed 17 students of both genres that frequently refused to participate off the physical education classes. These groups of students who run away from the physical education classes don't show to hate physical activities but the physical education classes, because all of them practice some physical activities, outside school and usually individually. The interviewed group recognize them low performance and otherwise they had already trued the insucess on the physical education classes, we realize that as determination factor, by your absence on the physical education classes, the college that adopt aggressive attitudes and reclaim, humiliate and bullying.

Keywords: Physical Education; pleasure.

INTRODUÇÃO

Quando observamos a criança que não quer correr, a criança que não quer se envolver com atividades físicas as pessoas dizem que ela é preguiçosa. Para mim não existem as crianças preguiçosas. No momento em que ela se nega a participar de alguma atividade é sinal que está vivendo um profundo conflito relacionado a estas atividades. Então ela tenta evitar estas atividades que lhe trazem alguma tensão, mal estar, vergonha, etc (IWANOWICZ, 1994, p.78).

Na nossa vivência como aluno, filho de professores de Educação Física, crescemos praticando esportes, respirando o cheiro das bolas, ouvindo o som do apito e tendo sempre muito prazer em praticar atividades físicas, bem como participar das aulas de Educação Física.

Toda esta satisfação, porém, transformou-se em decepção e impotência, quando nos deparamos com um elevado número de alunos que resistiam em participar das aulas ou que simplesmente faltavam à mesma, mesmo sendo no seu horário de aula.

Constatamos, em uma escola particular de Barueri, que existia um grupo de alunos que se recusava a participar das aulas e também que este “grupo” se repetia a cada ano. Alguns alunos, independentemente da série, passavam por diversos professores e com todos demonstravam a mesma falta de motivação para participar das aulas.

Quais os motivos para esta rejeição? Quais os seus determinantes? É possível reverter este quadro? Na busca de repostas

a estes questionamentos entrevistamos, no ano de 1997, alunos que possuíam um elevado número de faltas ou que freqüentemente se recusam a participar das aulas de Educação Física, demonstrando com isto que deve existir algo que incomoda e que afasta estas pessoas de uma atividade que, para muitos, é prazerosa.

Faremos um pequeno recorte histórico e conceitual sobre a educação física escolar, cenário de nosso estudo, com o intuito de dar suporte às análises dos depoimentos dos alunos.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Influenciada inicialmente por médicos e posteriormente por militares, a Educação Física no Brasil desenvolveu-se, desde sua introdução, apoiada em princípios biológicos e de disciplina. A inclusão do esporte, como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, mudou apenas a “aparência”, mas a finalidade, os valores e as características continuaram sendo as mesmas.

A história da Educação Física é longa e conhecida na dedicação de fabricar corpos disciplinados e submissos. Em duas áreas sua eficiência foi demonstrada com maior empenho. Na formação de corpos guerreiros e na formação de corpos atletas (SANTIN, 1992, p.65).

Toda a influência sofrida pela Educação Física no Brasil, desde a sua implantação, levou a uma crise de identidade que acarretou sua desvalorização e a diminuição da sua importância. Na maioria das escolas, até meados dos anos 80, possuía as seguintes características: era tratada de uma forma acrítica e alienante; não permitia a participação dos alunos na sugestão de atividades, na liberdade de movimentos nem no seu processo de avaliação; meninos e meninas faziam aula em separado; o conteúdo resumia-se às modalidades esportivas tradicionais; o professor buscava a perfeição técnica de seus alunos e privilegiava a dimensão procedimental.

A característica tecnicista do ensino e a busca do rendimento, instrumentos incorporados pela Educação Física ao longo de sua existência e, principalmente, após a introdução do esporte como conteúdo hegemônico trouxeram, no nosso entender, um deslocamento do professor da sua função de educador para a de técnico ou treinador. Isto quando ele está disposto a exercer esta função, pois, em muitos casos, o que verificamos é o profissional atuando mais como um mero “zelador”, apenas entregando uma bola para os alunos dividirem as equipes para o “racha”, do que como um orientador. Esta pasteurização na formação dos alunos e na forma de atuar dos profissionais de Educação Física, segundo Moreira constatou em sua tese de doutorado, não passa de uma forma de domesticação corporal.

..., deparamos com a exigência de ritmo padronizado, com a visão de corpo útil e disciplinado no cumprimento de ordens, com a idéia de levar vantagem mesmo que para isso fosse necessário o menosprezo do corpo do outro, bem como a ausência de ludicidade e a exacerbação do individualismo (MOREIRA, 1995, p.21).

Analisando este período Porto (1995, p. 90) cita que:

Continua prevalecendo o corpo que corre com mais velocidade, que é capaz de pegar a bola mais vezes sem deixá-la cair no chão, e tantos outros mais que aparecem enfatizados durante as atividades. O ter e o poder corporal ainda predominam sobre o ser-corpo que pensa, age, sente, e se comunica pelos seus gestos e expressões (PORTO, 1995, p.90).

Toda esta caracterização das aulas de Educação Física como movimento, ginástica, jogo e a sua conceituação pela legislação, como atividade fizeram, segundo Betti (1992, p.37), com que “as crianças muitas vezes não acreditem que a Educação Física seja uma disciplina ou matéria”.

Concordamos plenamente com Moreira, quando ele afirma que:

Insistimos: não há necessidade de negarmos a educação física até aqui vivenciada; somos impelidos (...) a transcender o conceito de educação física; daí a adoção de uma escrita comprometida com o novo olhar-conhecer (MOREIRA, 1995, p.31).

Segundo Betti (1995, p.166), "... se da forma como está a Educação Física consegue exercer tamanho poder de sedução, imagine se fosse melhor!". A mesma autora afirma que, apesar de tudo, os alunos "... ainda conseguem sentir muito prazer em participar das aulas".

Se os alunos ainda sentem muito prazer nas aulas de Educação Física, quais os motivos que fazem com que eles se distanciem de algo constatado por Betti (1995) como prazeroso? Quais situações e quais os motivos que fazem com que as pessoas deixem de participar de uma atividade para a qual a maioria sente prazer?

Lovisololo acredita que é função do professor, não apenas refletir sobre a utilidade dos conteúdos, mas principalmente ampliar o leque de gostos dos alunos.

O professor tem que ajudar a construir o gosto. Tem que deixar de pensar e agir como se as crianças não tivessem ou pudessem desenvolver a capacidade de admirar-se, de surpreender-se de gostar. Tem que admitir que o desenvolvimento do gosto é também sua tarefa. Para isso ele precisa, antes de mais nada, admirar-se, sentir-se encantado, surpreender-se. Precisa desenvolver seu próprio gosto (LOVISOLO 1997, p.56).

É a partir da década de 80 que os profissionais da área de Educação Física começam a questionar mais insistentemente a sua prática. É quase um consenso hoje em dia, entre os estudiosos da área, que a Educação Física precisa sofrer uma transformação, de seus objetivos, conteúdos e estratégias. Da mesma forma, cita Moreira (1992, p.204), "Não podemos perspectivar o século XXI pelos parâmetros do dogmatismo do século XX".

O contexto em que vivemos atualmente, sem dúvida, requer uma adaptação do professor não somente para lidar com alunos mais críticos e indisciplinados, mas também, para lidar com esta aparente falta de motivação para participar das aulas de Educação Física.

Como frutos dos questionamentos iniciados no final dos anos 80, surgiram escolas que apresentam algumas das seguintes características: alunos participando da proposição de conteúdos e sendo co-responsáveis pela sua avaliação; valorização do gesto expressivo e das possibilidades de movimento; turmas mistas; temas da cultura corporal como conteúdo das aulas e valorização das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente) (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.87).

Pretendemos com o nosso trabalho poder colaborar um pouco no sentido de entender o que ocorre com a Educação Física que a torna tão contraditória, prazer/desprazer, alegria/tristeza, motivação/desmotivação.

METODOLOGIA

Como o nosso intuito foi o de verificar, na perspectiva dos alunos, as situações que os afastam das atividades, para tentar eliminá-las e trazer esses alunos para a atividade, buscamos uma metodologia que permitisse compreender esta atitude de distanciamento a fim de atingir o objetivo desejado, a reintegração destes alunos em suas turmas.

Os alunos foram entrevistados sendo que para a análise das respostas lançamos mão de uma adaptação, que foi utilizada por Simões (1994), da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin que procura “Encontrar as bases destas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais, tal é o objetivo da análise da asserção avaliativa” (BARDIN, 1977, p. 156).

O universo de alunos pesquisados envolveu o levantamento feito pelos professores de Educação Física dos alunos com um elevado número de faltas. É importante registrar que foi considerado falta a aula, não apenas o aluno ausente, mas também o não participante. A partir deste critério atingiu-se o número de 62 sendo 33 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, da 6ª série do até o 3º Colegial de um colégio particular na cidade de Barueri. Deste universo, pinçamos os casos de alunos que, segundo os professores, apresentaram esta conduta em anos anteriores chegando ao número de 20 sendo 14 meninos e 06 meninas. Deste universo, 03 depoimentos foram descartados por apresentarem apenas respostas evasivas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Partindo das manifestações dos entrevistados, procuramos montar o quadro de convergência de maneira que ele auxiliasse, não apenas na visualização de suas opiniões, mas também, na compreensão do problema em questão.

A montagem do quadro das convergências revelou-se uma opção política na medida em que tivemos que fazer determinadas opções sobre que itens iríamos lançar mão para realizarmos a análise. Em função disto procuramos constatar qual a posição dos alunos em relação à disciplina Educação Física; qual a idade em que começa a se manifestar, mais insistentemente, a “fuga” dos alunos das atividades; se este grupo de alunos que não participa das atividades físicas na escola participa ou participou de alguma atividade física fora da escola; qual a característica desta atividade; se gosta das atividades físicas de maior ou menor contato físico; de que parte da aula gosta mais, aquecimento, fundamento (exercício) e jogo, quais os motivos de insatisfação ou de fuga das atividades; qual a sua impressão sobre a sua prática e qual a postura de seus colegas.

O quadro a seguir é uma adaptação do utilizado por Simões (1994) e nos permitirá a sua posterior análise.

QUADRO DAS CONVERGÊNCIAS

Sujeito Unidade de significação	1	2	4	5	6	7	9	10	11	13	14	15	16	17	18	19	20
1. Gosta da E.F.		N	S	S	S	S		S		S	S	S	S	S	S	S	
2. Gosta com restrições	S						S		S								S
3. Gostava e participava até 4ª										X							
4. Gostava e participava até 6ª		X	X		X												
5. Gostava e participava até 8ª						X	X					X					
6. Atividades físicas fora da escola Individuais	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X
7. Atividades físicas fora da escola Coletivas										X	X	X	X	X		X	
8. Gosta das modalidades de maior contato físico														X			
9. Gosta das modalidades de menor contato físico	X	X	X					X		X				X	X	X	X
10. Gosta mais do Aquecimento	X	X						X							X		X
11. Gosta mais do Jogo		X	X			X			X	X	X	X		X	X	X	
12. Não gosta E.F. motivos internos		X															
13. Não gosta E.F. motivos externos	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X		X
14. Acha que joga nem bem nem mal				X				X			X						
15. Acha que joga mal	X	X	X		X	X	X			X				X	X		X
16. Colegas incentivam				X													X
17. Colegas reclamam/ agridem	X	X	X		X	X	X	X		X		X	X	X	X		X
18. Vê a reclamação como normal		X	X							X				X			

Obs: As opiniões dos sujeitos 3, 8 e 12 foram desconsideradas, pois apresentaram respostas evasivas e sem conteúdo significativo para este trabalho.

Ao serem questionados sobre qual modalidades esportiva gostavam mais, dentre as oferecidas pela escola (Atletismo, Basquetebol, Futebol, Ginástica, Handebol e Voleibol), grande parte dos alunos optaram por atividades que consideramos de menor contato físico como: Ginástica, Basquetebol e Voleibol. Consideramos modalidades de maior contato físico Futebol e Handebol.

Suj. 10 _ Ah! Eu odeio jogar Futebol, Basquete, eu acho que é muito violento.

Suj. 15 _ O professor tem que estar de olho né, pois o ruim é essa gente que tem vontade de descontar os problemas que tem, na Educação Física. Não é bem por aí.

A questão da violência associada ao esporte, sem dúvida é algo que deve ser combatido nas aulas de Educação Física, pois o esporte deve ser um espaço para a integração e não para os conflitos.

e) O que os alunos querem é jogar (unidades de significação 10 e 11)

Das três partes da aula, aquecimento, fundamento e jogo, notamos uma nítida predileção pela última. É jogando que a maioria dos alunos se realiza, exprime seus desejos, vontades, necessidades, se relaciona, se sente humano. A preferência pela atividade “lúdica”, jogo em oposição à atividade mecânica, “treino” onde são desenvolvidos os fundamentos, é evidente. Se os alunos gostam tanto de jogar, como mostram seus depoimentos, por que não participam das aulas? O aluno abaixo expressa toda sua percepção na diferença entre o jogo (prática desportiva) na escola e o jogo fora da escola.

Suj. 18 _ ..., é diferente, quando eu jogo com os meus amigos, é super divertido, mas aqui no colégio (...). Tem alguns caras que não são colegas, não são legais, que é diferente, perto de casa, quando eu jogo, é raro, mais é super divertido, dá vontade de jogar de novo.

Apesar da maior parte dos alunos manifestar o seu gosto pelo jogo, curiosamente, encontramos uma parcela (cinco sujeitos) que prefere o aquecimento. Seria compreensível encontrar alunos que reconhecem a importância e a utilidade do aquecimento, porém, alunos que dizem gostar desta parte da aula, foi algo que nos surpreendeu. Como exemplo disto temos o sujeito 20 que, ao ser questionado sobre que parte da aula gosta mais, respondeu:

Suj. 20 _ Aquecimento.

P- Por que não tem bola?

Suj. 20 _ Porque não tem bola

f) Eu sou o culpado (unidade de significação 12)

Utilizamos aqui uma divisão apoiada na afirmação de Betti (1992, p.20) de que “o prazer depende de condições internas e externas do indivíduo.” Os motivos internos que poderiam também ser interpretados como motivos pessoais dos alunos pelo fato deles citarem, como motivo pela sua não participação, características de sua personalidade como a falta de vontade ou o fato de se julgarem preguiçosos.

Apenas um aluno entre os entrevistados citou, como um dos motivos para não gostar das aulas de Educação Física, uma característica de sua personalidade.

Suj. 2 _ Não sei, acho que sou preguiçoso.

Este mesmo aluno que se julga preguiçoso, já foi praticante de Karatê e Natação e cita que não gosta de fazer esporte com

próprias do entrevistado. Encontramos, na maioria dos casos, alguns motivos externos relacionados à estrutura da escola como: horário das aulas (se a aula é muito cedo), higiene (voltar suado para classe), distância da sala de aula para a quadra e uniforme. Alguns alunos manifestaram seu descontentamento pela disciplina em função de atitudes de seus colegas. Consideramos estas manifestações como motivos externos porém iremos analisá-las mais profundamente no tópico a seguir já que existem unidades de significação específicas para esta manifestação.

h) O vilão (unidades de significação 16, 17 e 18)

Pudemos constatar que as atitudes negativas dos colegas surgiram como o grande vilão e o principal responsável pela não participação dos alunos na aula. Este fato ocorre por comentários desagradáveis, gozações, humilhações ou agressões, voluntárias ou involuntárias. Segundo Tiba (1996, p.128), o respeito humano deveria fazer parte da educação básica. “Assim como a mãe tem de interferir para ajudar o filho mais frágil, o professor também tem de interferir para proteger o aluno mais fraco.”

Em relação à participação e atitude dos colegas, os entrevistados citam:

Suj. 1 _ Reclamavam, era sempre o último a ser escolhido, este tipo de coisa não favorece muito.

Suj. 4 _ Ah, esse tipo de comentário assim, tem hora que desestimula né você joga né, mas isso, com quem não joga muito bem é assim mesmo, vem cobrança.

Suj. 6 _ Eu não jogo bem porque eu não treino muito. E não é bem assim que eu não goste de jogar, sei lá, é ruim né, se você não faz nada assim, os outros ficam te enchendo o saco. Se você não faz nada no jogo, aí fica todo mundo te enchendo o saco.

Suj. 9 _ Não gosto, por exemplo assim, quando tem que jogar, quando tem sei lá, umas meninas muito, que sabe, eu não sei jogar direito, então elas ficam tirando o sarro, essas coisas, isso é muito chato.

Suj. 13 _ Não, só as reclamações de praxe, como você joga mal, essas coisas.

Suj. 17 _ É, tem sempre aquele chatão, que enche o saco, mas acho que deve existir com todo mundo, todo mundo tem alguém pegando no pé. Sempre tem alguém querendo te gozar, sempre tem alguém querendo tirar uma da sua cara e você sempre vai estar querendo fazer brincadeira com o outro cara e sempre vai ter alguém querendo fazer brincadeira com ele.

Suj. 18 _ Tinha alguns colegas que incentivavam, mas a maioria reclamava se fazia algum passe errado. Eles podiam errar mais a gente não.

O elevado número de manifestações neste aspecto nos preocupa não apenas por representar as características do ambiente da aula, mas principalmente por deixar transparecer duas situações preocupantes. Na primeira, o aluno passa a fazer com os colegas aquilo que os colegas fazem com ele, ou seja, a gozação. Apesar da louvável reação de defesa o que podemos enxergar aqui é o efeito “bola de neve” onde cada um repete a atitude indesejável do outro até que a situação alcance um nível insuportável e deteriore, cada vez mais, o relacionamento humano. Outra questão preocupante é o fato de que os alunos 2, 4 e 13 vêem a reclamação dos colegas como normal. Hoje em dia as atitudes positivas, estão tão em baixa que o relacionamento pessoal depreciativo passou a ser algo comum, ocupando o lugar da amizade, do coleguismo, do respeito e do companheirismo, valores que estão cada vez mais raros na nossa sociedade.

Outro fator marcante nos depoimentos dos alunos foi a repulsa e o descontentamento em relação às atitudes violentas de seus colegas que aproveitam, nas aulas de Educação Física, para descontar desentendimentos, agredindo, chutando, dando bolada, mascarados naquilo que eles, às vezes, denominam de lance normal de jogo.

A violência está impregnada em nossa sociedade, quer seja nas cidades, nas ruas, no trânsito, quer seja nos ambientes esportivos, nos campos, nas arquibancadas, passando, diariamente, exemplos de agressões, desrespeito, humilhações, que

acabam invadindo as escolas ao ponto de alguns alunos procurarem justificar estas atitudes como normais.

O professor deve estar atento e usar sua sensibilidade para não permitir que as aulas transformem-se num verdadeiro campo de batalha. As situações que porventura venham a ocorrer devem ser aproveitadas, pelos professores, para conscientizar e discutir a questão da violência não apenas nas aulas, mas, principalmente em nossa sociedade.

Suj. 10 _ Porque elas vêm chutam a gente, tem umas meninas que são muito violentas. Tem umas meninas que são mais violentas, aí elas vem com tudo em cima de você e, e eu não gosto.

Suj. 15 _ Uma coisa que eu ouvi que teve no começo deste ano, que umas amigas minhas vieram me contar, que tem um grupinho que não gosta muito e dominam, assim e as outras são mais quietinhas, mais na delas, e que chegava na Educação Física as meninas vinham em cima só para machucar, e elas até vieram comentar comigo, “ Ah! elas querem bater na gente” chega na Educação Física dão porrada mesmo. O professor tem que estar de olho né, pois o ruim é essa gente que tem vontade de descontar, os problemas que tem, na Educação Física. Não é bem por aí. Educação Física para mm sempre foi vim, me divertir, todo mundo dar risada e desenvolver o esporte.

Suj. 16 _ Comigo mesmo já aconteceu, numa 7ª série, por causa de um contato eu levar uma bolada, mais depois não aconteceu mais. Tipo, você já chega com um certo medo, sabe tem que ficar desviando, eu acho que a Educação Física é um momento de descontração, não é que nem na aula que tem que ficar sentada, é uma descontração você vir para cá, aí você tem que vir para ficar desviando da bola que alguém pode te tacar, te machucar, não é uma descontração.

Os alunos que repelem esta violência são contrários não apenas ao contato físico voluntário, presente em nossas aulas, mas, principalmente negam uma sociedade violenta, agressiva e sem segurança.

i) Auto-estima em baixa (unidade de significação 14 e 15)

Nos depoimentos anteriores é possível imaginar em que nível está a auto-estima destes alunos, que se afastam de uma atividade onde são gozados, zoados, humilhados, desprezados e marginalizados.

O aluno que não participa da aula já se sente o “patinho feio”. Enquanto a maioria participa, há uma parcela que resiste em participar das atividades, principalmente das modalidades que gostam menos.

Nenhum dos alunos entrevistados acha que joga bem. A Educação Física desportiva, apoiada na busca do rendimento e na perfeição do gesto técnico, gera alunos que percebem que têm mal desempenho em determinadas modalidades.

O nosso trabalho permite visualizar que as diferenças de desempenho afastam os alunos das atividades não apenas pela percepção do rendimento e a experimentação do insucesso, mas, principalmente pela falta de apoio, de compreensão e de incentivo por parte dos colegas. Acreditamos ser este o fator determinante para este distanciamento e para esta ausência nas aulas.

Um exemplo clássico disto que mencionamos acima é o descrito pelo sujeito 18 que afirma não gostar de jogar na escola, mas joga com seus colegas perto de casa.

Analisemos como está a auto-estima do aluno abaixo, pelo seu depoimento.

Suj. 17 _ Eu tentava jogar antes, aí eu vi que eu jogava mal, aí eu parei, parei de vez, eu era a âncora do time. Era futebol, os caras chamavam, tá eu ia lá jogava, não fazia nada no time. Eles falavam, fulano fica aqui, se a bola vier você chuta para frente e fica aí. Depois de um tempo que eu fui ficando de canto. No início eles incentivavam: vamos lá jogar, você joga bem, cata no gol. Depois não, já começaram fulano você fica aqui no lado, daqui a pouco eu já estava lá no canto. Na hora do aquecimento eu participava, mais depois, chegava a hora do jogo e eu ia para o canto, sentava no banco, ficava assistindo.

Os colegas o incentivavam tanto, diziam que ele jogava bem, e pediam para ele jogar no gol. O respeito e a admiração dos colegas era diretamente proporcional à necessidade que eles tinham de alguém para jogar no gol, preencher uma das mais

indesejadas vagas no esporte, depois do árbitro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas nos mostrou que não existe, por parte dos alunos, uma aversão pela atividade física, pois cem por cento dos entrevistados fazem ou fizeram alguma atividade física fora da escola.

O fato da grande maioria deles preferir como atividade alternativa, fora da escola, atividades que consideramos individuais, nos aponta para dois motivos. O primeiro é que a escola, ao priorizar o desenvolvimento dos esportes coletivos mais conhecidos (Futebol, Basquete, Voleibol e Handebol), não atende a todos os gostos e interesses dos alunos fazendo com que eles busquem estas atividades fora da escola. Portanto, é dever da escola ampliar o leque de atividades a fim de aumentar a participação dos alunos permitindo, na medida do possível, que eles possam sugerir atividades. O segundo motivo é distanciar-se de relacionamentos indesejados. Fora do ambiente escolar buscaram-se, outras amizades, outras relações onde talvez exista mais respeito, consideração e menos influência dos colegas.

O desrespeito, as humilhações e as gozações, a que este grupo de alunos menos habilidosos são submetidos na Educação Física, surgiram como principal fator para a sua “fuga” das aulas. A busca de processos de ensino-aprendizagem eficazes, aliados à atenção que o professor deve ter em relação a esse aspecto, buscando desenvolver nos alunos o respeito por essas diferenças no desempenho, devem ser objetivos primordiais para aqueles que desejam a participação de TODOS os alunos.

O nosso trabalho permite visualizar que as diferenças individuais afastam os alunos das atividades não apenas pela percepção do fraco desempenho e a experimentação do insucesso, mas, principalmente pela falta de apoio, de compreensão e de incentivo por parte dos colegas. Acreditamos ser este o fator determinante para o distanciamento e ausência às aulas.

Lutamos diariamente contra os preconceitos a que nossa profissão e os profissionais da área são submetidos. Parte desta culpa é nossa. Pelas características de nossa atividade, pela nossa postura, pelos profissionais que somos e pelo imobilismo que tivemos por muitos anos. Cabe a nós, profissionais da área, vencer esta batalha pela melhoria de nossa profissão, pelo reconhecimento de nossa importância, pela reconquista de nosso espaço, pela descoberta de nossa função.

Ou a Educação Física e seus professores modificam as suas características para que possam SER mais atraente aos alunos, com atividades, sejam elas tradicionais ou diversificadas, com o envolvimento dos alunos e a busca de um ambiente onde haja mais cooperação, respeito e colaboração, ou os alunos não irão FAZER as aulas.

Este trabalho não apresentou conclusões definitivas, pois buscou compreender, o fenômeno Educação Física e a sua dinâmica. Deixo aqui a minha tentativa.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETTI, I. C. R. *O prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspectiva discente*. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1992.
- _____. Educação Física Escolar: a Percepção Discente. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 16(3). Maio, p. 158-167, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortês, 1992.
- IWANOWICZ, B. (1994) A imagem e a consciência do corpo. In: Heloísa Turini Brunhs (org), *Conversando sobre o corpo*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 63-81, 1994.
- LOVISOLO, H. *Estética, Esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.
- MOREIRA, W. W. Corpo presente num olhar panorâmico. In: Wagner Wey MOREIRA (org.) *Corpo presente*. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 17-36, 1995.
- _____. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In: Wagner Wey MOREIRA (org.), *Educação física & esporte: perspectivas para o século XXI*. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 199-210, 1992.
- PORTO, E. T. R. Mensagens corporais na pré escola: um discurso não compreendido. In: Wagner Wey Moreira (org.), *Corpo Presente*. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 83-110, 1995.
- SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: Wagner Wey MOREIRA (org.), *Educação física & esporte: perspectivas para o século XXI*. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 51-69, 1992.
- SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo do idoso*. Piracicaba, São Paulo: Unimep, 1994.
- TIBA, I. *Disciplina: o limite na medida certa*. São Paulo: Editora Gente, 1996.

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Fone 3555-2131.
Av. Mackenzie,905 - Barueri - SP - Cep.: 06460 130
E-mail: rone@mackenzie.com.br

Tramitação

Recebido em:08/09/05
Aceito em: 08/04/06

